

Corporalidade Afro-Descend

A nação brasileira está pensada desde sua "fundação" no século XIX como uma entidade que conjuga raça e sexualidade. Na virada do XIX para o XX a grande preocupação das elites dirigentes - e dos intelectuais que se identificavam com seus interesses - era como constituir uma nação homogênea, ocidental e branca, pressuposto fundamental, do ponto de vista racista da época, para o progresso.

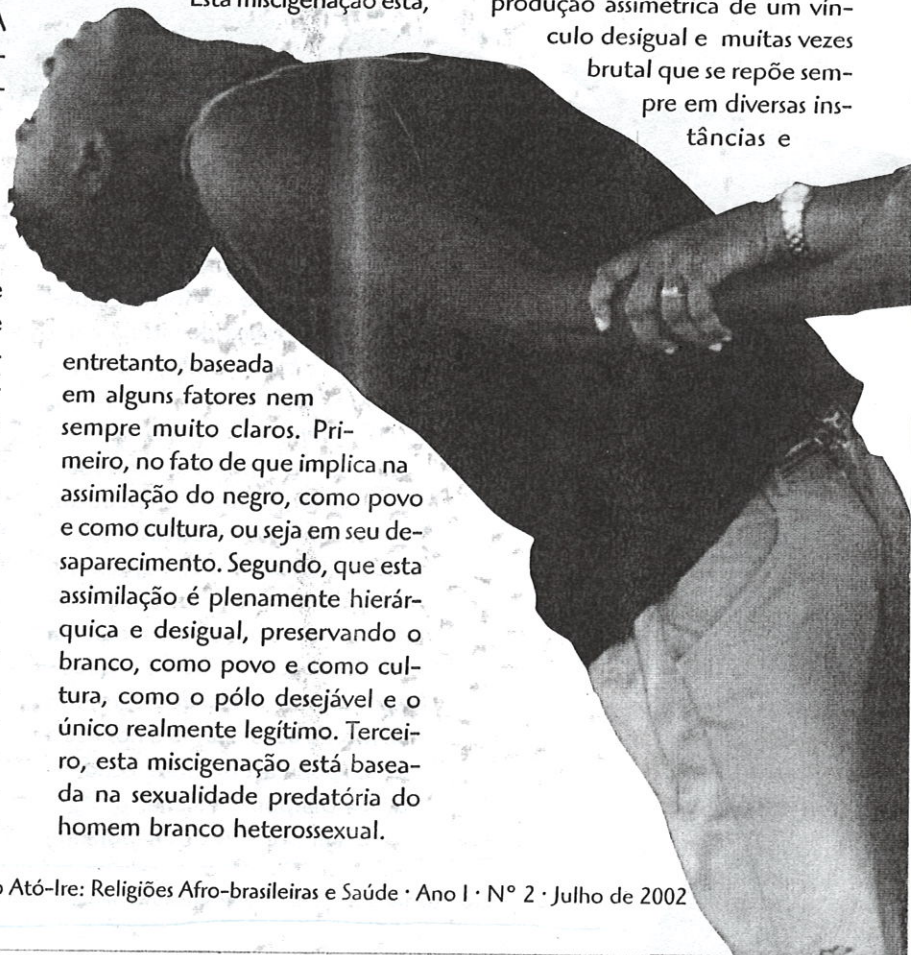


Tambor de crioula - São Luís/MA

presentar a capacidade de geração de uma outra coisa: a cultura morena nacional. Ao invés de lamentar a inoculação de sangue negro como um fator deteriorante, passou-se a admitir que este elemento negro foi "assimilado" no corpo da cultura nacional. Através da miscigenação constituiríamos um povo, o povo moreno brasileiro, como uma nova raça.

Esta miscigenação está,

Neste modelo de desenvolvimento da população nacional baseada nas mitologias e narrativas da miscigenação o Homem Branco é o agente que através da prática sexual dissemina seu sangue e sua cultura. O projeto miscigenante é a consequência no plano das representações biológicas do projeto colonial português. Ou, em última instância, do projeto de expansão do poder branco global. A miscigenação é vista como a mediação e a passagem que permitiria a adaptação nos trópicos da civilização branca e do progresso ocidentalizante. É preciso não esquecer que o ato sexual ("sexuar", como diria Darcy Ribeiro) é o mecanismo que põe em operação a fusão miscigenante. Ora, esta fusão tem um sentido determinado, comum a diversos contextos coloniais e pós-coloniais, que vai do hegemônico ao subalternizado. Ou seja, do branco para o negro, do homem para a mulher, assim por diante. O discurso formador da nação está assim baseado na reprodução assimétrica de um vínculo desigual e muitas vezes brutal que se repõe sempre em diversas instâncias e



entretanto, baseada em alguns fatores nem sempre muito claros. Primeiro, no fato de que implica na assimilação do negro, como povo e como cultura, ou seja em seu desaparecimento. Segundo, que esta assimilação é plenamente hierárquica e desigual, preservando o branco, como povo e como cultura, como o pólo desejável e o único realmente legítimo. Terceiro, esta miscigenação está baseada na sexualidade predatória do homem branco heterossexual.

A cor da pele, a maior superfície corporal visível, é o principal signo da discriminação, mas é também o principal signo de nossa identidade política.

Ora, o negro, ou o "elemento negro", que afluiu aos milhões para o país como mão-de-obra escrava, foi visto pelos representantes do chamado racismo científico como tendo "poluído" a formação da nação, porque em virtude da miscigenação sexual teria "inoculado" sangue negro corrompendo o corpo nacional. A associação entre raça, corpo e nação que estes preconceitos travestidos de ciência produziu, representava a perplexidade e o desconforto de um Estado Branco que se via diante de uma população culturalmente diversa e socialmente dominada. Este antagonismo entre uma classe dominante branca e ocidentalizada e uma massa negra ou africanizada refletia a contradição entre o ideal de branqueamento e a realidade da miscigenação. Neste contexto o corpo da nação parecia "contaminado" pelo sangue negro.

A partir dos anos 30 e principalmente com a obra de Gilberto Freyre e Artur Ramos o "elemento negro" passou de **degenerativo** a **generativo**. Ou seja, o "elemento negro" que representava a degeneração passou a re-



ente, Nação e Emancipação

em diversas representações da cultura. Este vínculo têm uma "origem" colonial e escravista, mas esta origem se reproduz metamorfoseada no presente. A reposição deste vínculo é elemento fundamental para a configuração da corporalidade afrodescendente nas condições em que esta se dá no Processo Social Brasileiro.

O corpo negro como território de luta e emancipação

O que estou querendo dizer é que pensar a corporalidade afrodescendente em suas dimensões subalternizantes e emancipatórias significa ligá-la ao processo mais amplo de constituição nacional como a reprodução da desigualdade racial. Por isso, é importante considerarmos o corpo negro como o território de uma luta secular pela subjugação do negro e também como a arena para a sua emancipação. A cor da pele, a maior superfície corporal visível, é o principal signo da discriminação, mas é também o principal signo de nossa identidade política.

Precisamos reconhecer todas as contradições que esta ambigüidade comporta. Assim, perguntaria: Precisaríamos abandonar o "conforto" de nossa própria cor e de nosso próprio corpo – a pele, o cabelo, as nádegas, os lábios, etc. – para nos engajarmos numa política realmente emancipatória? Quanto daquilo que somos como corporalidade está associado à invenção do negro como a negação do branco?

Nos terreiros de candomblé e centros de umbanda, nas escolas de samba e nos blocos afro, nas diversas formas organizativas afrodescendentes, modernas ou tradicionais, temos elaborado um repertório de corporalidade que nos põe em contato com nossa própria história e valores culturais. Este repertório muitas vezes têm

um caráter libertador e emancipatório, nos dando conforto e esperança de vitória contra o racismo e as injustiças do dia-a-dia. Este repertório: gestos, coreografias, posturas, condutas sexuais, práticas terapêuticas, reinvenções estéticas, alterações corporais, etc., apresenta além do mais um conteúdo propriamente subversivo na medida em destrói o entulho de estereótipos sobre o corpo do negro, nos devolve a auto-estima e nos liga a outras populações afrodescendentes na Diáspora Africana.

É importante dizer, por fim,



Bloco afro Akomabu - São Luís/MA

que este repertório não representa este conteúdo libertador de modo automático, mas na dependência de nossa própria prática, interesses e articulações. Talvez seja uma obviedade desagradável dizer isso aqui, mas nem tudo que é africano, negro ou tradicional é necessariamente democrático ou libertador. As práticas só são emancipatórias se articulam-se a projetos subjetivos ou coletivos de emancipação. Por outro lado, esta corporalidade afrodescendente está constantemente se fazendo e re-fazendo no ambiente geral da modernização e da globalização cultural, logo é algo histórico e que têm história. Estamos, também agora, construindo a história do corpo negro na diáspora africana no Brasil. Junto com a novela das oito, as páginas policiais, a indústria do sexo, etc. Enfim, é preciso entrar de corpo e alma nesta luta pelo corpo negro, pela sua autonomia, dignidade e capacidade de ser, como têm sido há muito tempo, referência para a emancipação e para a liberdade, de modo a que esta corporalidade possa ser mais do que o que dela espera o Poder Branco.

*Osmundo de Araújo Pinho.
Antropólogo, Doutorando em
Ciências Sociais na UNICAMP.
Pesquisador do Centro de Estudos
Afro-Brasileiros da UCAM.*

Nas diversas formas organizativas afrodescendentes, modernas ou tradicionais, temos elaborado um repertório de corporalidade que nos põe em contato com nossa própria história e valores culturais.

